

EUGÉNIO DE CASTRO

TRAÇOS BIOGRÁFICOS E LITERÁRIOS

Como digo no texto a seguir, as páginas que o constituem correspondem, em grande parte, às folhas duma carta



MANUEL DA SILVA GAIO

enviada ao escritor espanhol D. Juan de Olmedilla, por sugestão do próprio destinatário.

Retocada nalguns pontos e ampliada noutros — deu-me assunto para uma leitura promovida pela Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra e que realizei na noite de 10 de Dezembro de 1927.

Foi essa leitura feita sob a presidência do Reitor da Universidade, Doutor Domingos Fêzãs Vital, ocupando, a seu convite, os lugares de secretários da mesa presidencial Mr. Alfred Jeanroy, do Instituto de França, e o professor da Faculdade de Letras Doutor Joaquim de Carvalho.

Coimbra, 26 de Fevereiro de 1928.

M. S. G.

Distinguiu-me a Direcção da *Associação dos Estudantes de Letras* com o convite para tomar parte na série das conferências por ela promovidas.

Já no ano anterior eu recebera igual convite seu, que — devido a absorventes ocupações oficiais — me não foi possível aceitar.

Pensara porém, desde logo, em preparar uma ou mais conferências, com o propósito de — nos estreitos limites das minhas possibilidades — me desempenhar, oportunamente, de encargo tão honroso.

Não mo permitiu, até hoje, o mesmo motivo que então me havia impedido de corresponder à amabilidade desta simpática associação.

Querendo, contudo, cumprir de certo modo — enquanto não tento cumpri-lo melhor — êsse grato e nobilitante encargo, lembrei-me de vir ler aqui algumas páginas que há tempo escrevera e cujo assunto, em si, nos deve interessar a todos, pois foram dedicadas a Eugénio de Castro.



EUGÉNIO DE CASTRO



LIBRARY OF THE

Tentarei enfim ser aqui, junto do Poeta — na frase pitoresca da carta recebida — *los ojos y los oídos* de V. Ex.^a.

ASPECTO FÍSICO

É de estatura meã, normal para um português, e de regular arcaboço. Tendo sido, na primeira mocidade, delgado de corpo e magro de rôsto — todo rapado sempre — nutriu nos últimos vinte anos, o que lhe deu à cara enxuta de adolescente moreno (modelo de esbelto pagem, em tempo aproveitado por Columbano para um *fresco* decorativo) o aspecto duma forte e cheia máscara de Actor, como actualmente apresenta.

O retrato que acompanha a 1.^a edição da *Sylva* representa-o entre os vinte e três e os vinte e cinco anos. Por êsse retrato pode ainda fazer-se ideia do rapaz que êle foi.

É dessa mesma época, de 1893, o que lhe tirou a óleo aquele grande pintor.

Conserva Eugénio de Castro a antiga viveza, penetradora e vigilante, dos olhos castanhos, tudonada bugalhudos, que em certas ocasiões lhe luzem maliciosos pela fiska das pálpebras meio cerradas.

A feição do nariz, correcto de talho, sôbre o longo, abrindo largas narículas sensíveis, parece dizer com uma singular susceptibilidade olfactiva, pela qual teria direito a apropriar-se a frase de Beaudelaire: *mon âme voltige sur les parfums comme l'âme des autres hommes voltige sur la musique* e que, em domínios mais práticos, concorreu para lhe apurar o gosto de requintado *gourmet*. Em poucos, para tal efeito e com tanto resultado, concorrerão conjuntamente palato, língua e pituitária (1).

(1) Não é apenas um delicado apreciador, em culinária sábia.

É um *expert*.

Entre outras provas, recordarei a dum jantar no campo, em honra

Não pode queixar-se, na madura robustez dos seus cinquenta e dois, de apreciáveis perdas no corredio cabelo negro, que muito discretamente lhe vai branqueando. Já o não usa, porém, crescido e acamado em longa melena *garretteana*, qual na quadra dos vinte anos, embora o traga sempre, à maneira de outrora, penteado de risca ao lado.

No sorriso — que não será, como era, um pouco petulante, freqüentemente afiado de ironia — ainda, hoje, alguma coisa transparece de irónico, por vezes; e, como o sorriso, é significativo, também por vezes, o descair das comissuras da sua boca rasgada e vigorosa. Devido ao corte desta, às linhas gerais do rôsto, à agudeza maliciosa do olhar e a tôda a inteligente expressão fisionômica, houve uma época, quando magro, por volta dos trinta, em que a *sua* faria talvez lembrar a máscara de Voltaire; semelhança desvanecida mais tarde.

Mas se ainda, às vezes, se lhe entreabre em sorrisos de ironia ou lhe descai desdenhosa, também como outrora a sua expressiva bôca se enche de pronto e regalado riso, ao cabo duma anedota que êle oiça, à vista dum caso cómico, ou sôbre uma boa saída. Poucas pessoas conheço que riam com tanto prazer; é freqüente *chorar de riso*. Nunca, todavia, se desmanchará rindo às gargalhadas, por melhor vontade com que ria, nem a hilaridade lhe provocará gestos e atitudes de exagêro.

Íntegro de sentidos como na juventude, acusa no entanto uma leve dureza de ouvido, sem que isto o salve de ir sempre ouvindo muita tolice do próximo, sem que, em compensação, o iniba de apreciar qualquer nobre criação musical, sobre-

do Poeta brasileiro Filinto de Almeida, por ocasião da sua primeira visita a Coimbra. Foi êsse jantar preparado e cosinhado por Eugénio de Castro e pelo pintor Leopoldo Battistini. Posso atestar, como conviva, que estava excelente.

tudo quando se trate de composições de carácter sacro — as suas preferidas.

Se, nos domínios da forma e da côr, nada escapava nem escapa aos seus olhos; se, dos frescos arômas da natureza e da escala preciosa dos perfumes artificiais até aos aliciantes odôres das aperfeiçoadas culinárias, tudo o seu faro agudo colherá subtilmente, êste Poeta, ao contrário do que sucede com outros poetas — dotados de especial aptidão para apenas apreciarem e obterem harmonias prosódicas — não só não será refractário aos encantos da melodia, mas conseguirá fixar e reproduzir um trecho com justeza e afinação⁽¹⁾.

Para que nêle reconheçâmos a persistente posse de todos os cinco sentidos — só falta verificar como se nos revela e manifesta quanto ao do *tacto*. Ora, quem o tenha lido e recorde várias descrições suas, reconhecerá que possui tal sentido num grau de extrema delicadeza; e essa impressão também de certo modo a reforça a habitual maneira de gesticular das suas mãos aristocráticas, escrupulosamente tratadas. Ainda mais sóbrio e medido no gesto do que na palavra, sugere-nos ao movê-las a idêa de que as move como se palpasse cautelosamente sedas leves ou temêsse molestar franzinas flôres de estufa⁽²⁾.

Ao vê-lo caminhar no seu passo igual, sereno, pouco le-

(1) Provou particularmente esta aptidão quando, há anos (num pequeno grupo em que ambos entrávamos, com os seus dois irmãos mais novos) nos distraíamos e repousávamos dos nossos trabalhos cantando a sêco alguns motivos de música religiosa.

(2) Manifestou desde sempre Eugénio de Castro, a par das outras, uma notável disposição para as artes do desenho. Não nos explicará ela, numa grande parte, juntamente com a nítida e forte visão pictural das coisas, as características plásticas da sua arte, o realce dos seus descriptivos, a vida das suas imagens, e ainda o acêrto dos arranjos decorativos em que intervenha e que no seu *home* logo revelam a mão do Esteta?

vantado do chão, e nem preguiçoso nem apressado, acompanhando êsse andamento, certo, dum leve baloiço de hombros — o perfeito andar do Pai (ilustre catedrático de Matemática, falecido há poucos anos) — imediatamente nos ocorre o que tem sido e continua a ser para êle a própria marcha na vida: a daquêles para quem se não torna necessário correr, poisque sabem como se chega a tempo, e a quem cumpre não se detêrem pois que os conduz uma missão⁽¹⁾.

Adquiriu o costume, a que freqüentemente cede (e ainda nisto é o Pai), de ir com as mãos cruzadas ou sobrepostas uma à outra, como tranqüilo frade aconchegando à frente o hábito da Ordem. Nem a bengala o estorvará, pois a leva debaixo do braço.

Curva-se um pouco, da demorada posição a que o têm forçado os labores e estudos de escritor e de professor.

Poderia corrigir esta tendência, pondo em prática certos preceitos de exercício físico.

Segundo, porém, é vulgar entre os que se gabam de robusta organização e duradoira saúde, não julga necessário recorrer a expedientes auxiliares, para as manter e apurar.

Mal conserva, hoje, os seus antigos hábitos de resistente *marcheur*, que faziam dêle um óptimo companheiro de excursões; e jámais se resolveu a adoptar as salutare normas *sportivas* observadas pela forte raça inglêsa e já adoptadas por muitos entre nós. Infatigável no trabalho, com paciente coragem para tôda a ordem de tarefas a que o obriga a sua actividade pluriprofessoral — confessa-se incapaz, por falta de pachorra, de se entregar a tais exercícios.

(1) Coxeia actualmente, como sabemos, devido a um desastre sofrido em Toulouse quando, no mês de Abril de 1923, foi a cumprir a alta missão de nosso embaixador intelectual, encarregado de conferências junto de algumas Universidades francesas.

Quando nos cumprimente e acôlha — quer nalgum fortuito encontro quer ao receber-nos na sua casa ou na Faculdade de Letras — será o acolhimento tão amável como discreto, tão cortez e atraente como isento de excessivas demonstrações exteriores. Nunca, nem ao sentir o mais sincero prazer com o aparecimento e presença dum amigo querido ou sob a impressão dum acontecimento, que vivamente o interesse, se nos manifestará desmedido e exuberante.

A verdadeira revelação das suas emoções tê-la-hemos antes — se soubermos ver e ouvir — nas modalidades de expressão daquela fisionomia inteligente, nas tonalidades da voz — voz de barítono grave, cheia e forte de substância mas suave de modulação — própria para lhe traduzir afirmativa, vigorosamente, ideas assentes, convicções amuderecidas, e para lhe traír, atenuando-se de sonoridade em surdinas de macia gradação, tôdas as fugidias cambiantes do sentimento.

A essa voz média — dôce e forte — que, acompanhada dos outros recursos, lhe permitiria declamar e discursar dominadoramente (se o tentasse a Oratória, que, na verdade, não preza muito); a essa voz deve o nosso Poeta, numa proporção considerável, o seu excepcional poder de atracção e sedução pessoais. Vale como factor importante na rápida conquista da simpatia em que nos prende; não falando na vantagem dum tal órgão para a sua missão de prelector.

Até nesta particularidade se revela a feliz coerência de condições manifestadas em tudo o que lhe respeita. Devia realmente possuir uma voz com semelhantes qualidades quem nasceu para tão belas coisas dizer...

É hoje apagada, discreta a sua maneira de vestir, sem que deixe de nos aparecer sempre correctamente trajado e escanhado a rigor.

Não dá na vista pela *toilette*.

Vai longe o tempo em que — não falhando, aliás, ao natural bom gosto — o moço poeta Eugénio de Castro parecia

querer acentuar, como *dandy*, a nota ousada de revolucionário da Arte.

Ficaram lembrados os seus *plastrons* sumptuosos, a rodada sobrecasaca trintista, a aba direita do seu *haut de forme* espelhante, aquelas calças amplas que se batiam em prodigalidade com as botas de tromba larga — por todos designadas à *nefelibata*, como beneficiando da voga adquirida pelo estranho vocábulo.

A caricatura fixou-lhe, como a pintura, as curiosas linhas de então e não sei se algum *barrista* o teria modelado.

Dêsses hábitos e gostos de elegância e garridice apenas lhe resta o amor pelos belos anéis, entre os quais notaremos sempre um de puro oiro, com o seu brasão de armas — antiga oferta do poeta inglês Cranmer Bing.

Tal o aspecto físico do nosso grande Poeta, cujo busto representa um apreciável exemplar da raça, por certo igualmente interessante — como característico de superioridade e eloqüente de expressão — para o antropólogo, para o escultor e para o pintor.

TRATO PESSOAL

De quanto acima fica dito sôbre a maneira amável e composta por que a todos recebe, logo se depreende como Eugénio de Castro deverá ser também no seu seguido trato. Não sofrerá desilusões quem, animado pela primeira acolhida, o torne a procurar e freqüente a sua roda. Poderão a princípio julgá-lo *um pouco frio* os que estejam habituados a demonstrações expansivas e as prefiram. Todavia, os que melhor o conheçam, sabem que, sob aquela aparência de afabilidade discreta, pode abrigar-se um sentimento de real estima por algum dos que êle acolha com o mesmo e igual sorriso dado a todos.

São fáceis, como o acesso a um hospitaleiro *palácio*, a

aproximação e entrada no círculo das suas relações; e ninguém lhe notará diferenças que susceptibilizem qualquer dos advindos, admitidos sem excepção no pórtico e nas primeiras salas. A poucos se entreabrem, contudo, os aposentos, ciosamente guardados, da sua intimidade afectiva, da sua eleita convivência de alma e de espírito. Torna assim mais cativante, para os que lha mereçam, essa vedada intimidade.

Como, no entanto, todos foram recebidos, de sorte alguém lhe negará uma desvanecida gratidão pela gentileza do acolhimento.

Depois, o grande Artista, a quem não é indiferente a economia das horas — que tão cerceadas lhe ficam pelas suas ocupações professorais; a quem tão pouco podem ser indiferentes as fadigas em que dispenda energia nervosa e em que os seus ouvidos vejam e oiçam coisas de modo algum utilizáveis no campo da criação poética — o grande Artista nunca se furtará a obsequiar todos quantos dêle solicitem um favor, embora a satisfação do pedido o obrigue a deslocar-se e a interromper trabalhos. Capaz de verdadeira dedicação quando se trate dum amigo, não negará serviços e auxílios aos que mal conheça e venham recomendados à sua protecção benévola.

É proverbial a paciência com que atende e aconselha os neófitos da Arte, não se iludindo jámais, claro está, sobre o mérito ou inferioridade dêsses moços, mas usando, como *príncipe magnânimo* das letras, das mais brandas formas de dizer — ao dar-lhes a sua opinião.

Esta generosa disposição, revelada para com os novos, não o impede, pois, de fazer justiça severa. É, porém, acêrca de certas figuras consagradas que êle tem pronunciado inolvidáveis sentenças — tão valiosas na essência como pitorescas na forma —. Há nesta corda, e noutras, ditos e observações suas de vivo sabor e consumado espírito.

Tão numerosas são, neste campo, os seus *bons mots*, as

suas imagens ilustrativas, as suas apropriadas comparações, os seus *achados* de palavra e de frase, e tão espontânea e naturalmente vêm, que por isso mesmo seria difícil ou impossível escolher entre êles, para repetir e citar. E a valorizar ainda tudo quanto diga, nada diz com ênfase ou sinal de maior importância ligada às suas palavras, nem sugere — segundo é vulgar — o aplauso com que hajam de festejar-lhe no fim o conceito e os termos da anedota contada, do comentário aplicado, da ... frechada despedida... É sempre, neste capítulo como em tudo, o mesmo homem educado, primoroso, que nunca força a entrada numa conversação, que nunca fala alto e que — maravilha entre nós, portugueses! — nunca discute...

Dado êste feitio, não é para estranhar que, a par da admiração, êle inspire a tôda a gente a fundamentada estima de ordinário inspirada por quantos compreendem e praticam os preceitos da melhor sociabilidade.

ESPECIAIS RAZÕES DO SEU TRIUNFO

Considerêmo-lo agora em face da sua Obra e em face do meio, vendo quais as faculdades que especialmente lhe valeram a incontestável glória.

Por pouco que o tenha observado e escutado, quem algum dia atentamente o escutou e observou surpreendeu-lhe de-certo, entre as características da sua inconfundível personalidade, o saliente predomínio de três faculdades.

Reconheceu de-certo que êle era dotado — sem prejuízo do resto: — duma clara consciência do próprio valor; dum seguro sentido das possibilidades, no que de si próprio ou dos outros dependesse; — duma firme energia de vontade, nunca desmentida.

Ora, tais faculdades haviam de conferir-lhe e conferiram-lhe, com efeito, decididas e evidentes vantagens, tanto

sob o ponto de vista *artístico* como sob o ponto de vista *social*.

Sob o ponto de vista *artístico* foi, realmente, da combinada acção daquelas duas primeiras faculdades que sobretudo resultou a excelência da sua Obra.

Só, na verdade, lograra havê-la realizado um artista que — desde as alvejantes annunciações até à hora radiosa do triunfo alcançado — tivesse ouvido vibrar dentro de si a voz da fé viva no próprio *valor*, na sua *vis* criadora; só um artista que do mesmo modo — para maior beleza e mais intenso significado dos produtos dessa *vis* criadora — tivesse, como elle, um tão apurado *sentido das possibilidades*.

A ponto mesmo de — dentro dum mais vasto perimetro, de cujo torrão sempre, querendo, conseguiria tirar frutos viçosos — haver propositada, severamente circunscrito a área destinada às suas culturas dilectas.

Ocorrendo-nos, nesta altura, perguntar se teria tido direito a um tal rigor de abstenção, a restringir-se voluntariamente dentro dessas barreiras, quando, para fora delas, ainda sem dúvida se lhe contariam as vitórias pelas tentativas...

Igualmente deveremos attribuir à combinada actividade dessas duas faculdades o *sucesso* da sua Obra, como lídimo produto de arte lançado no meio social, e o seu ascendente — de artista e de homem — em frente dos outros homens. Só quem as possua e as desenvolva no grau em que Eugénio de Castro as possui e as desenvolveu logrará vencer da maneira por que elle venceu, debaixo d'este duplo aspecto.

Jámais teria, porém, triunfado plenamente — sob o ponto de *vista* artístico e sob o ponto de vista social — se, possuindo essas duas faculdades, não fôsse e se não sentisse armado duma tão firme *vontade*.

No campo da Arte — desde cedo ella o serviria eficientemente, sem quebras, concentrando-lhe, impulsionando-lhe o jogo das primeiras.

Desde cedo partiu e marchou vencendo ou arredando todos os obstáculos não apenas porque o solicitasse a consciência do que valia, como portador duma *idea* nova e dum *verbo* novo; não apenas porque houvesse previsto e traçado o caminho por onde e até onde de preferência devia avançar; mas também porque a *vontade forte* lhe deu apoio de afirmação à consciente confiança no próprio valor e o manteve persistente na orientação uma vez tomada, evitando-lhe desfalecimentos ou desvios da rota a seguir.

E, exercendo-se-lhe de maneira especial no *auto-domínio*, de igual modo o investiria de superioridade no campo social — essa firme energia de vontade; pois, salvando-o das precipitações inoportunas, que os outros acaso poderiam aproveitar contra êle, habilita-lo hia a esperar o ensejo de melhor fazer vingar qualquer determinação sua. Defendendo-o dos perigos da impulsividade já, daí, lhe favorecia a convergência das actividades interiores no sentido e no veio dêste ou daquele propósito em vista.

Contando, assim, no número dos que podem louvar-se da segura *posse de si* próprios, Eugénio de Castro teria dado, além de grande Poeta, um impecável diplomata ou um hábil político, no significado *decente* da palavra, se também o tivesse tentado esta última espécie de actividade pública. Medindo o que *valia*, com a justa noção do que *podia* e sabendo *querer* a direito e a tempo, não lhe seria difícil *chegar*.

Não o tentou, contudo — para glória da nossa Literatura e para bem de nós todos — nem uma nem outra dessas carreiras: a primeira, que mal iniciou, porque o desviaria da sua missão de artista; a segunda, pelo mesmo motivo e ainda porque lhe havia despertado compreensível antipatia.

Essencialmente, a sua vida — no que dela, afinal, nos interessa — foi, sem que as exigências materiais a prejudicassem, votada ao cumprimento dessa superior missão, à

satisfação do constante, desperto desejo de criar Beleza. Merece, por isso, ser lembrada nalguns factos, menos pelo que se lhes encontre de anedòticamente curioso do que por ter ela sido — a contar dos inícios, e graças à consciência, tino crítico e energia volitiva do Poeta — moldada de natureza a permitir-lhe a execução da sua vasta e preciosa Obra.

ALGUNS FACTOS SIGNIFICATIVOS DA SUA VIDA

A primeira infância do Artista, cuja data de nascimento — 4 de Março de 1869 — deverá ficar iluminada a esmaltes no calendário nacional, a sua primeira infância desmentiu a opinião vulgar e corrente de que são as crianças vivamente buliçosas e travêssas aquelas que mais prometem para o futuro.

Nunca houve menino mais sossegado, mais pacato, de maior juízo — até à altura dos oito ou nove anos.

Duas particularidades se lhe notariam, entanto, a contar dessa época: *pela mansa*, ficava sempre na sua; e revelava já um *delicado gosto* por todo e qualquer objecto digno de atenção, na forma ou na côr. Coisas, que outros mais velhos inconscientemente desprezariam ou destruïriam, guardava-as com especial cuidado; e algumas ainda as conserva. Entre estas uma antiga taça de Saxe. Mandara-lha, cheia de saboroso doce, sendo êle muito pequeno, uma sua tia freira. Pois tão namorado da linda peça ficou e se confessou, que, devorada a lambarice, conseguiu obtê-la.

¿ Não eram para registar estes dois traços?

O rapazinho que dali saïria, entre os nove e os catorze anos, havia de surpreender um pouco quem o tivesse conhecido antes.

Sem quebra da sua educação de família, tradicional, e dos seus créditos de estudantinho dotado — entrava num pe-

riodo em que parecia querer desforrar-se da pacatez, da silenciosa mansidão dos primeiros anos.

Não que desse em folias ruídas e armasse diabruras aos seus semelhantes. Só mais tarde, homem feito, tomaria parte — em Lisboa, em Coimbra — numa ou noutra partida ou estúrdia, com gente da sua roda escolhida e alguns adventícios aceitáveis, durante os intervalos da fácil e feliz produção literária: a espairecer e a retomar contacto com a vida exterior, de que, no meio de tudo, ia sempre colhendo impressões e dados a aproveitar para a Arte.

Naquela altura eram outras as tendências manifestadas. Entre os nove e os doze anos *saía-se a escrever*, redigindo um jornal manuscrito, que lia e fazia ler em sociedade, nos serões de parentes e amigos — e no qual se permitia visar ridículos de várias pessoas conhecidas ou punha impiedosamente a descoberto melindrosos segredos dos companheiros — certas fraquezas de amores precoces... de temporãs aventuras de coração...

E não tardou que, conquistada a investidura da calça comprida, cedesse a veleidades de *petit élégant*, puxando o figurino imoderadamente.

É, contudo, dos doze aos catorze que para nós maior interesse começa a ter a sua vida.

Lê já o que muitos só pensarão em ler à volta dos dezoitos ou vinte anos, e tenta os primeiros vôos na poesia.

Aos quinze anos, em 1884, a perda do irmão dilecto inspira-lhe as *Cristalizações da morte* — pequena colecção de cinco sonetos que, através a sua forma ingénua, pela sinceridade do sentimento e pela nota da expressiva, deixavam adivinhar no autor um real temperamento de poeta. Anuncia na capa dêsse livrinho um volume de poesias — *Rythmicas* — que devia sair com apreciação de João de Deus e com o retrato do autor, mas que não chegou a publicar-se. Publica todavia, nesse mesmo ano de 1884, as suas *Canções*

de Abril e colabora na revista ilustrada *Panorama Contemporâneo*.

Daí por diante, — salvos os períodos em que as viagens e a sociedade o atraíssem e afastassem do trabalho literário — o seu tempo seria sempre, ou quási, tomado, absorvido pela fecunda produção de obras belas.

Dar-se-hia entretanto — dos seus quinze para os seus dezasseeis anos — um facto eminentemente significativo, e revelador, logo, da influência e actividade conjunta das três faculdades dominantes que lhe aponteí.

Prova-nos que o Poeta, desde então:

Já tinha a consciência ou a presciência do quanto valia e havia de valer;

Já media o que poderia realizar;

Já sabia o que queria, e sabia querer.

Terminara o curso secundário. Estava chegada a hora de escolher o curso de ensino superior que deveria tirar.

Vivendo em Coimbra, professando na Universidade, onde haviam exercido o professorado nobres ascendentes seus e ilustres aliados da família — era natural que o Pai desejasse vê-lo honrar a tradição da casa, matriculando-se numa das Faculdades universitárias.

Respeitosa, mas firmemente, o moço Poeta resiste à vontade paterna, declarando que só seguiria um curso de Letras — porque só êsse podia convir-lhe, aproveitar à sua Arte.

«Eram pouco práticas tais vistas» objectava o Pai; «pelas letras, raros fariam vida em Portugal»;

«Seria um dêles».

Vence. No mês de Outubro de 1885, visto em Coimbra não existir ainda uma Faculdade de Letras, matricula-se no Curso Superior de Letras de Lisboa, que segue e termina com pouca fadiga e lisongeira reputação escolar.

Como êsse facto (denunciativo, desde tão cedo, duma consciente energia de vontade) — é especialmente digna de

nota a determinação que o levou a assumir o papel de revolucionário da Arte, de introdutor de novas ideias estéticas, de novas formas, de nova técnica poética, pois podia contar com seguro êxito se continuasse pelo veio até ali seguido, dentro das formas líricas das suas estreias.

Escasseiam-me o espaço e o tempo para vir acompanhando, passo a passo, data a data, a sua nobre existência de Apóstolo da Beleza, desde os inícios, que acabo de evocar, até ao momento presente, em que, já consagrado, pode registar-lhe o decurso como se registasse as *étapes* duma contínua marcha de Vitória. Quem queira seguir-lhe o rasto luminoso, da prometedora infância à gloriosa idade viril, poderá recorrer, para uma parte considerável do caminho andado — na falta de mais completo e melhor guia — ao Prefácio das suas *Poesias* escolhidas — 1902» ⁽¹⁾.

LUTAS LITERÁRIAS

A alegada e real falta de tempo e de espaço obriga-me a apreciar aqui o nosso Poeta somente debaixo do ponto de vista da sua *atitude* durante as horas de bom combate pelas novas ideias. Acêrca das suas lutas literárias e dos resultados destas, ser-me hia necessário escrever largos períodos em que, além dos gestos e passos do inovador, fôsse apontando e comentando as inovações, através as fôlhas dos seus livros-manifestos e das obras imediatas.

Durante as horas e dias de luta, a sua *atitude* — explicável pela coerente e vigorosa organização mental e moral

⁽¹⁾ Ainda dêsse *Prefácio* mantenho o que nêle escrevi com relação à Biografia e Bibliografia do Poeta. Já quanto à parte crítica me não satisfaz. Sob êste aspecto — embora demandem outro desenvolvimento — permito-me antes indicar ao leitor as páginas em que prefaciei a 2.^a edição das *Horas*.

que tentei pôr em evidência — correspondeu admiravelmente a tão sólida e resistente organização, a tão feliz temperamento.

Fêz o espanto de todos, na verdade, a sua serena, como que indiferente e risonha compostura; porque, se da parte de alguns camaradas e admiradores foram cordeais as investidas e as demonstrações de hostilidade literária, as críticas e os comentários — por parte de certa imprensa, de certos intelectuais e até de certos elementos em turba ⁽¹⁾ — a recepção feita ao novo apóstolo e à sua obra era para intimidar e aniquilar os mais aguerridos e apetrechados.

Não o intimidou nem o aniquilou a êle, graças ao seu privilegiado modo de ser; e maior glória lhe adveio do triunfo alcançado.

Como Garrett — o voluntarioso autor dos *Oaristos* e das *Horas* fazia afinal vingar, devido à fé em si próprio e na oportuna razão da sua causa, a nova arte de que era partidário professo e paladino. E não era menos importante, no seu campo, o resultado da directa intervenção a favor do Ideal implantado, o resultado da actividade posta em jôgo pelo segundo dos dois inovadores. Se Garrett lhe levou vantagem quanto à extensão do domínio literário e no poder e segredo de evocar o que da história, da língua, da poesia do povo português havia a recordar, a reerguer vivo; se exerceu *sugestão* de maior alcance — muito Eugénio de Castro o excede como inventor, ao pôr em prática as teorias adoptadas, ao dar-lhes, nas criações que as exemplificam, alma e corpo de ideal Beleza.

(1) Em Coimbra, por exemplo, tentaram por mais de uma vez perturbá-lo, sem resultado, numerosos grupos de estudantes, que nos teatros, nos jardins, nas ruas — onde o avistassem — lhe repetiam em cântico, quasi agressivamente, as poesias de mais irritante molde e atrevida intenção.

Sempre a mais eloqüente defesa e apologia duma teoria — estética ou outra — consistirá no real mérito das obras por ela inspiradas; e será lícito dizer-se, a respeito da Obra de Eugénio de Castro, que o grande valor desta lhe veio ainda mais das excepcionais faculdades do Autor do que dos princípios estéticos por êle adoptados e importados...

Com um inovador que não possuísse as suas qualidades de espirito e temperamento, os seus recursos, nativos e desenvolvidos, sempre se teriam feito sentir, ainda assim, os efeitos da revolução operada.

Mas apenas na parte formal e de pura técnica; não se produziriam além do dominio exterior, meramente literário.

Natural era também que apenas reconhecêssemos tais efeitos nas obras de determinado carácter, nas que, pela factura e pela intenção, mais de perto correspondêsem a nova Estética introduzida.

E o que verificamos?

Restringindo-nos à obra do nosso Poeta e abstraindo daquelas, alheias, cujos autores — seus sequazes ou não — lhe sofreram logo ou vieram a sofrer-lhe a influência — verificamos que êsses efeitos se fizeram realmente sentir não só na *técnica* mas na *inspiração* das produções características do período de luta. E verificamos mais — caso de maior importância — que as próprias criações subseqüentes, de límpida beleza clássica, accusam em muito, tanto na forma como na essência, a acção da *estética* vitalizante, caprichosa e estranha embora, do insubmisso revolucionário de 1890.

Errará quem acaso sentenciar de incoerente e contraditório o seu *regresso* a essa inspiração e a essas formas clássicas.

Estas participam do *élan* de vida nova daquela campanha brava.

Erro não menor será o daqueles que — comparando com anteriores criações suas o poema *Constança* e outros livros de posterior data — considerem como resultantes duma imprevista e radical transformação moral, duma catastrófica mutação de ordem ética numerosas notas de mais larga, profunda e humana emoção, reconhecíveis nalguns destes livros da época iniciada à volta de 1900. Se o houvessem lido atentamente desde a própria época da campanha literária ou desde os anos próximos, e se, por outro lado, conhecessem o meio em que êle fôra educado — teriam evitado tal erro.

O Poeta não experimentara uma transformação intelectual e moral em virtude da qual aparecesse outro. Não se tratava duma sobreposição de personalidades. Simplesmente se completava — integrando num total de superioridade tudo quanto nêle só *esperava* o momento de revelar-se.

Há, na sua vida e na sua Obra, *fio de unidade*, transparente através das suas mais opostas e imprevistas transfigurações.

Mais duma vez me referi já ao elevado grau de consciência no próprio valor e ao raro calor de fé com que Eugénio de Castro empreendeu a sua intrépida campanha literária, contando vinte anos de idade.

Nada eu podia, pois, escolher de melhor para fecho deste capítulo do que uma frase sua, afirmativa dessa fé militante.

Aludindo-lhe um dia, no momento agudo da luta, às inovações por êle introduzidas — Guerra Junqueiro concluía:

— «Simples sarampo literário, o seu *simbolismo!*»

— «Será — respondia o autor dos *Oaristos* — mas vai pegar-se a todos...»

SEUS MODOS DE VER E SENTIR EM FACE
DO MEIO SOCIAL

Se Eugénio de Castro não tivesse tão vivo o senso da realidade, seria de esperar — com o seu espírito, o seu temperamento, a sua educação — que, socialmente, sonhasse e quizesse ver estabelecida uma ordem de coisas, na qual os dirigentes revestissem todos os prestígios e na qual — por parte dos governados, da colectividade inteira, houvesse equilibrado teor de vida comum, sob a garantia das administrações honradas e do respeito ao estatuído. E ainda assim, com tão utópico ideal convertido em facto — êle continuaria a considerar o mundo da política, na mais larga acepção, um mundo à parte e muito distante do seu mundo de artista... único para que, em verdade, nasceu e vive!

Como poderiam interessá-lo então, directamente, *as coisas públicas* — tais quais vão, perto ou longe?

Não quiere perder tempo a apreciar as contingências nem a formular opinião sobre o possível e o impossível das diferentes situações e modalidades do existente social. — Difícil se tornaria, assim, apurar-lhe ideas gerais ou conceitos concretos acerca dessa categoria de actividades.

Pelo pouco que, na matéria, ocasional e indiferentemente deixe acaso perceber sobre o seu modo de pensar e sentir, acertarei talvez atribuindo-lhe o justificado parecer de que a Política — como tôdas as categorias de actividade — deveria ser para profissionais, para especializados; e atribuindo-lhe o legítimo e prático desejo de que a entidade *político*, não podendo satisfazer-nos outro fim, representasse pelo menos — e de louvar seria — o papel duma espécie de *feitor gerente*, esperto e cuidadoso, em cujas mãos a fazenda de nós todos estivesse fora do grave risco da hipoteca e da ruína...

Já então os que trabalham e criam, com mais tranquillidade haviam de criar e trabalhar...

E adiante! — pois me não interessa mais do que ao Poeta ilustre a vida tumultuosa dessa feira aberta...

Lamento — ainda à falta de tempo — não poder apreciá-lo aqui sob um outro aspecto: sob o aspecto da sua religiosidade.

Teria ocasião para explicar como nêle se combinam os ideais da Arte, as altas aspirações da consciência religiosa, o acatamento dos preceitos; e também como, sem quebra da sua unidade interior, êste homem mental e visceralmente são, de tão feliz e normal actividade subjectiva, concilia a visão *pessimista* do contingente, do *limitado humano*, com o conceito harmónico do *destino universal* e com o *sentimento grato da Vida*.

Talvez um dia tente êsse estudo, procure dar essa explicação; procurando igualmente pôr em relêvo todo o *sentido* e tôda a realizada *intenção* da sua Obra magnífica — Obra resultante, no que de melhor contém, do concurso e confluência da mais *rica imaginação plástica*, do mais extenso poder de *projectão objectiva*, do mais afinado condão de *musicalidade verbal*.

TEOR DA SUA EXISTÊNCIA DE HOJE

Como vai longe a época na qual Eugénio de Castro dava a nota dum petulante *dandysm*, assim vão longe também os anos em que pagava à larga os seus tributos de rapaz: no estrangeiro, na França, durante o noviciado da carreira diplomática, abandonada cedo; por Lisboa, estudante, jornalista, ao freqüentar a grande roda, sempre à porfia acolhido; por Coimbra, nas longas estadas e, definitivamente, a partir de 1894.

Longe correram êsse tempos, cuja recordação lhe não inspira saúdaes mas lhe não provoca palavras de reprovação severa.

Ao lembrá-los, ainda com indulgência simpática sorri àquele que êle próprio foi e que de quando em quando volta a contar-lhe as coisas do Passado; será como se as ouvisse doutro, como se as ouvisse dum filho sempre recém-vindo de divagada viagem, pronto sempre a falar dos seus erros de outrora, a narrar de novo os curiosos casos acontecidos... naquela quadra longínqua da mocidade vivida...

Poucos levarão tão igual e tranqüila vida como hoje leva o grande Poeta, tão conforme à mais perfeita *sagesse*. Tirando um ou outro jantar de amigos, em que mostra conservarem-se-lhe eternamente moços o florido espírito, o apetite delicado e o estômago de diamante, os dias, os meses decorrem-lhe de ano para ano — inteiramente absorvidos pelas três razões de ser da sua nobre e cheia existência: pelos deveres de professor, pelos trabalhos de Artista, pelos affectos de família.

De há muito exercia o professorado no ensino particular e na Escola Industrial de Coimbra.

Era-lhe devido mais alto lugar nessa profissão entre tôdas compatível com o labor literário. A superior cultura, o conhecimento das línguas latinas, em particular da língua francesa, especialmente o recomendavam e o impunham. Reconhecera-lhe direito a tal situação.

Por decreto de 10 de Outubro de 1914 foi nomeado, sem concurso, professor extraordinário da Faculdade de Letras e, por decreto de 13 de Junho de 1916, professor ordinário, catedrático dessa Faculdade da nossa velha Universidade de Coimbra.

É nela doutor de capelo, rege cadeiras de filologia românica, sem prejuízo das que — mercê da sua elástica adaptabilidade mental e graças a uma saúde inquebrantável — rege na Escola Normal Superior e do ensino que continua ministrando aos cursos da Escola Industrial...

Obedecendo à consideração de quanto o seu ensino seria

proveitoso na Faculdade de Letras — a nomeação de Eugénio de Castro para esta Faculdade representou sobretudo uma justa homenagem ao seu valor e ao prestígio do seu nome literário.

Constituiu uma verdadeira consagração, que nenhum português deixou de aplaudir.

Não foi a primeira nem há-de ser a última.

Na impossibilidade de me referir agora a outras homenagens prestadas a Eugénio de Castro e à sua obra, no país e no estrangeiro — entre elas às traduções de alguns dos seus livros — apraz-me registar, para têrmo da minha leitura, que o nosso vigoroso compositor e maëstro Rui Coelho, tendo há tempo alcançado um autêntico triunfo com a *Belkiss* — interpretação dêste belo poema dramático em prosa — deveu ao *Cavaleiro das Mãos irresistíveis* a inspiração dum recente drama musical.

Eis as notas e impressões que, a propósito do nosso Poeta, precipitadamente reûni e imperfeitamente ordenei.

Manuel da Silva Gaio